

Lances de uma Jornada — Traços de um Perfil

Cinquenta Anos de Formação Teológica na Escola Superior de Teologia

Nelson Kirst

Introdução

Amigos e amigas:

É hora de contar histórias. Pois, como diz Umberto Eco, “para sobreviver é preciso contar histórias”¹.

Na comemoração dos seus 50 anos, entre hoje e amanhã, a EST busca momentos de encontro com Deus, razão primeira e última de sua existência, promove debates acadêmicos e reuniões sociais — e abre espaços como este para que se contem histórias. Porque também para a EST, “para sobreviver é preciso contar histórias”.

Estamos aqui para isso, vocês e eu: para que histórias sejam contadas e ouvidas, neste cinquentenário — a fim de que a EST sobreviva. Para não carregar sozinho a responsabilidade de contador, fui buscar ajuda. Solicitei depoimentos de pessoas que, em épocas e em posições diferentes, tiveram relação estreita com a EST². O que lhes trago, agora, é a minha leitura subjetiva do conjunto de leituras subjetivas que meus 12 depoentes fizeram da caminhada cinquentenária da EST.

As experiências e interpretações desses colaboradores ajudaram-me a entender os 50 anos da EST como uma jornada dinâmica, marcada por *lances*: alguns ousados, criativos, certos, outros hesitantes, acanhados, falhos. Ajudaram-me a perceber, também, que, através do emaranhado desses lances, a EST vai construindo um *perfil*, vai compondo um rosto.

A jornada da EST atravessa quatro etapas bem definidas. Ao longo dessas etapas, tentarei narrar os *lances* e desvelar o *rosto* desta cinquentenária senhora.

Primeira Etapa — 1946 a 1957

A primeira etapa vai da inauguração, em 1946, até o ano de 1957. Ela é marcada pelas seguintes características: *inícios, pioneirismo, condições precárias*.

O que acontece nessa etapa? Temos, no início, 13 alunos, quase todos ex-“substitutos” de pastor no tempo da guerra, maduros, já carregados de experiência. Escreve um deles: “Voltamos, como os soldados do *front*, com fome do banco de escola.” (Boll.) Temos professores de tempo parcial, biblioteca e instalações bastante modestas e provisórias. Convivência intensa e relação de quase-colegas entre professores e alunos. É tempo de entusiasmo. Sente-se “a vibração de todos por sermos a primeira turma que iniciava uma nova fase na vida da nossa Igreja.” (Boll.) O estudo segue moldes acadêmicos alemães. É estudo sério, estreitamente ligado à prática.

Ao longo dessa primeira etapa, o rosto da então Escola de Teologia vai assumindo alguns traços bem próprios. São eles:

* Uma *relação de interdependência com a Igreja* que a gerou e a sustenta até hoje. A Igreja entra com os estudantes, os professores e o sustento. A instituição entra com a formação. Mais do que isso, porém, a Escola passa a desempenhar papel unificador na Igreja: “ajudou (...) na formação da Federação Sinodal e, por conseguinte, da IECLB” (Brakemeier).

* O outro traço contém dois elementos: (a) a *vontade de obedecer ao Senhor da Igreja*, (b) *fazendo teologia séria*. Herança querida das raízes luteranas. Como dizia Dohms, na alocução inaugural: “A tarefa, que nos foi imposta por Deus mesmo em suas dádivas, é grande e santa, e a nossa dedicação dará, queira Deus, que a obra, a qual em seu nome iniciamos, adquira forma interna e externa, e exerça influência sobre a Igreja e o mundo em que trabalhamos.”

* O terceiro traço é a *vontade de fazer teologia relevante no Brasil*. Nesses inícios, esse empenho se manifesta, ainda, na singela circunstância de que “era preciso, em primeiro lugar, colocar pastores da terra nas comunidades” (Droste).

Segunda Etapa — 1957 a 1970

A segunda etapa leva-nos de 1957 a 1970. A característica dessa etapa pode ser resumida a um único termo: *consolidação*.

Que acontece nessa segunda etapa? Surge a Legião de Construtores da Escola de Teologia, movimento de leigos que batalha para que, nas palavras do Dr. Victor Otto Schmidt, a “Escola de Teologia tenha o que lhe falta”. A Escola vira Faculdade de Teologia. São iniciadas e concluídas as dependências físicas básicas (alojamentos para estudantes, salas de aula, biblioteca, capela, administração, salão nobre). Entra em função o primeiro corpo docente completo, especializado, com dedicação exclusiva. Ergue-se uma biblioteca razoavelmente abrangente com predomínio de literatura alemã. São realizadas as primeiras traduções para o português. A Faculdade de Teologia escancara suas portas e passa a receber estudantes de qualquer escola secundária do país, não só do antigo Instituto Pré-

Teológico. No decurso desse período, 1957 a 1970, o número de estudantes matriculados passa de 28 para 97.

Traços existentes se acentuam, traços novos se acrescentam ao rosto da Faculdade, nesta segunda etapa. São eles:

* Primeiro: Amplia-se a aprofunda-se a relação de *interdependência com a Igreja*. Leigos e comunidades empenham-se mais e mais pelo sustento da Faculdade. Reforça-se o papel unificador da Faculdade de Teologia: como lugar de formação da vasta maioria dos pastores, ela vai ajudando “forte e decisivamente no caminho dos sínodos para uma Igreja” (Malschitzky).

* Segundo: O novo corpo docente e a biblioteca vêm *acrescentar qualidade ao fazer teológico*. “(...) aquela escola quase artesanal de teologia torna-se sempre mais institucional, científica e profissional.” (Boll.), mas o alemão continua sendo a principal língua de estudo, e temos, ainda, “uma teologia predominantemente acadêmica de cunho europeu, que dava valor ao embate de idéias e à capacidade de confrontar teorias” (Kilpp).

* Terceiro: *A abertura ecumênica e a busca de contextualização* andam juntas e instalam-se para sempre no fazer teologia. Ainda em 1957 a Faculdade inicia contatos regulares com professores jesuítas da Faculdade de Teologia Cristo Rei. No início da década de 60 nossa instituição começa a descobrir o Brasil extra-IECLB e até a América Latina aponta no seu horizonte. Torna-se membro fundador da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos no Brasil (ASTE). Entabula encontros regulares com professores argentinos. Professores brasileiros participam de conferências pelo país e trazem estímulos e desafios para dentro da casa. Alunos envolvem-se no movimento estudantil. Levam a Semana Acadêmica para o salão nobre da prefeitura de São Leopoldo. Participam da Associação Cristã de Acadêmicos (ACA), relacionam-se com estudantes episcopais, presbiterianos e metodistas. Hospedam estudantes presbiterianos expulsos por uma guinada direitista em Campinas, que passam por aqui a caminho da Argentina. Vão descobrindo a realidade brasileira nos textos de Celso Furtado e a relação entre teologia e política nas publicações do Conselho Mundial de Igrejas e de Iglesia y Sociedad en America Latina (ISAL), nos escritos de Visser't Hooft, Emilio Castro, Richard Shaull e outros. São estudantes que se abalam com o 31 de março de 1964, devoram o folhetim “Brasil Urgente”, aprendem a conviver e sofrer com a repressão — arrastam a Faculdade de Teologia para dentro do Brasil.

Terceira Etapa — 1970 a 1984

A terceira etapa alcança de 1970 a 1984. Suas características são: *auto-suficiência acadêmica, crescimento, transbordamento e ebulição*.

O que acontece ao longo desses 15 anos?

O número de professores com dedicação exclusiva salta de seis para quase 20, tentando acompanhar o número de estudantes que pula de 97 para 270. Ao redor de 1970 ingressam no corpo docente os primeiros professores brasileiros pós-graduados no exterior. Implanta-se um programa de formação e qualificação de um corpo docente nacional, através da utilização planejada de bolsas de estudo no exterior. Ao fim da década de 70, a Faculdade é auto-suficiente, em termos de pessoal docente qualificado brasileiro, mas não abre mão da presença estimulante de colegas estrangeiros. Professores da casa começam a produzir literatura teológica. É deslanchado um vigoroso programa de publicações.

No início do período o alemão é abandonado por completo como língua de ensino. Planeja-se e implanta-se a radical Reforma do Estudo de meados dos anos 70. Suas principais características: abandono completo do modelo acadêmico alemão, adequação à realidade educacional brasileira, inspiração em Paulo Freire e ligação mais estreita com a prática. Instala-se o estágio, como elemento fundamental do estudo. Em 1982 inicia o curso de mestrado.

Ao final dos anos 70, o espaço físico entra em colapso. A biblioteca e as dependências de administração invadem alas destinadas ao alojamento de estudantes. A maior parte do corpo estudantil precisa buscar residência fora do Morro.

Outros lances profundamente impactantes vão marcando esta etapa: a participação feminina no corpo estudantil cresce proporcionalmente mais do que o aumento do número total de estudantes. A temática política ocupa amplos espaços. A Faculdade entra em ebulição. Estudantes mergulham na realidade brasileira, envolvem-se em movimentos populares, contestam a Igreja e o próprio estudo.

Essa década e meia é um minuíano que varre e fustiga a Faculdade de Teologia por dentro e por fora. E o rosto que se vai esculpindo nesses transes torna-se bastante complexo:

* Continua a busca por um *fazer teológico qualificado e contextualizado*: “O pensamento teológico torna-se mais variado e com propostas diferentes de ser Igreja estimulando a pesquisa e a reflexão.” (Boll.) Cultiva-se, agora, “uma teologia menos acadêmica e teórica, mais voltada à realidade nacional, mais contextual e engajada” (Kilpp), ocorre “a guinada de uma formação teológica clássica para uma formação assumidamente política” (D. Streck).

* Aprofunda-se a *interdependência* com a IECLB. Mais e mais, a Faculdade de Teologia vai contribuindo para o ser-Igreja da IECLB. De acordo com meus depoentes, tal contribuição deu-se sobretudo:

— “Na busca e explicitação da essência central da Igreja, dada pela vida do Cristo presente e de sua missão no tempo” (Boll), na reflexão “sobre a natureza e a essência da Igreja, bem como sobre suas conseqüências práticas. Seríamos tremendamente pobres sem esta reflexão e acabaríamos num pragmatismo basista, que faz o que precisa ser feito porque solicitado e desejado” (Malschitzky);

— no campo da confessionalidade: os contatos ecumênicos e internacionais

“obrigaram a que se respondesse sempre de novo à pergunta pelo que vem a ser o *proprium* luterano e o que este *proprium* tem a contribuir” na ecumene, sem descartar, “neste processo de descoberta (...) também os limites da nossa (e de toda) confessionalidade” (Malschitzky);

— no campo da contextualização: segundo um ex-presidente, “foi da Faculdade de Teologia que partiram importantíssimos impulsos para a contextualização da IECLB, sua inserção na realidade brasileira, o despertamento para a sua responsabilidade social” (Brakemeier).

Essas contribuições se fizeram acompanhar, quase sempre, de enormes tensões entre Faculdade e Igreja. Estas e outras circunstâncias desse período foram deixando manchas bem pouco estéticas no rosto da nossa instituição. Falemos agora dessas manchas:

* Segundo meus depoentes, muitas vezes a Faculdade de Teologia correu na frente das comunidades ou as atropelou; causou atritos desnecessários, espantou grupos na Igreja; deixou de proporcionar a orientação eclesiológica necessária, e precisa, neste cinquentenário, haver-se com a seguinte observação de um ex-secretário geral da IECLB: “Contribuímos no serviço fiel aos evangélicos luteranos (...) Ficamos devendo o evangelho, sem dúvida, a boa parte do povo.” (Droste.)

* Em meio a todo o empenho por fazer teologia inserida na realidade, viu-se a Faculdade confrontada, em 1977, com a saída voluntária de cinco estudantes. Diziam eles em sua carta: “Optamos pelos pobres e roubados, porque neles Jesus Cristo se esconde. (...) Agora vamos iniciar o nosso autêntico estudo de teologia.”

* E é nos anos 70 que se dá o choque entre *adeptos do Movimento Encontrão e da Teologia da Libertação*. Escreve um ex-professor: “A Igreja vinha numa caminhada relativamente uniforme e pacata, não muito atenta ao que ocorria em volta. Nesta situação surgem dois movimentos de renovação, com origens e alvos distintos, ambos muito agressivos, intolerantes. Acho que a Faculdade não se deu conta da importância dos dois movimentos. Serviu mais acidentalmente de palco, mas não participou da reflexão e de, ao menos, tentativas de encaminhamento.” (Buchweitz.)

* Em meio a tamanho turbilhão de idéias, convicções e tendências, aguçam-se dois problemas: a questão da *espiritualidade* na vivência e formação de futuras pastoras e pastores e a questão do *acompanhamento pessoal* de estudantes — duas dificuldades que continuam a fazer parte das histórias não-resolvidas da nossa jornada, até o dia deste cinquentenário.

Quarta Etapa — 1985 até hoje

A quarta etapa alcança de 1985 até hoje. Suas características são: *diversificação da formação teológica, ampliação das fronteiras ecumênicas, pesquisa e expansão física.*

O que acontece nessa quarta etapa? Logo de início, incorpora-se ao corpo docente o primeiro grupo de professores pós-graduados na própria instituição e cria-se a Escola Superior de Teologia (EST). A EST vai agregando à Faculdade de Teologia, com o tempo, cinco outros institutos: um instituto ecumênico de pós-graduação em teologia (o IEPG), um instituto para capacitação teológica especial à distância, para lideranças leigas (o ICTE), um instituto de educação cristã, à distância (IEC) e, mais tarde, um instituto de música e um instituto para a formação contínua de obreiros e obreiras (o Instituto de Pastoral).

No correr dos anos, consolida-se e amplia-se o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação: obtém do Ministério da Educação credenciamento com conceito A para o curso de mestrado e parecer favorável para implantação do curso de doutorado; recebe alunos de diversas denominações e de todo o continente latino-americano e caribenho, assim como dos Estados Unidos e da Europa.

Com a construção da nova biblioteca e a incorporação dos prédios do antigo Instituto Pré-Teológico, soluciona-se grande parte do problema do espaço físico.

Na Faculdade de Teologia, o número de estudantes se estabiliza ao redor de 260, com a participação de mulheres chegando perto dos 40%. Uma nova reforma procura aproximar o estudo das circunstâncias do momento.

No perfil da EST, traços antigos se aprofundam ou se alteram e traços novos são acrescentados. As mudanças no rosto da EST, a partir de 1985, podem ser descritas assim:

* Ocorre uma *diversificação da formação* proporcionada, como se evidencia na criação dos diversos institutos e na ampliação da clientela.

* No campo do *fazer teológico*, o ambiente é mais calmo do que nos 15 anos precedentes. As polarizações de linhas teológicas se atenuaram e, em grande parte, deram lugar ao respeito e à colaboração mútuos. “(...) redescobriu-se a comunidade eclesial. A década de 90 aparentemente vai caracterizar-se por uma teologia voltada para as comunidades e a Igreja. Teologia comunitária está sendo formulada; reconhece-se como prioritária a formação de liderança comunitária.” (Kilpp.)

* Amplia-se a *dimensão ecumênica*: Alunos e alunas da Faculdade estudam e colhem experiências em instituições de todos os continentes. Aumenta muito a presença regular de estudantes latino-americanos na Faculdade. A EST se torna membro atuante da Comunidad de Educación Teológica Ecuménica en America Latina y el Caribe (CETELA). No IEPG, a dimensão ecumênica é elemento essencial na composição do corpo discente, nas temáticas das pesquisas e das atividades acadêmicas. A EST se beneficia sempre mais da presença marcante de professores visitantes.

* O IEPG vem entalhar mais dois novos traços no perfil da EST: (a) faz dela uma instituição *de pesquisa*, principalmente pela produção e publicação de monografias, teses, dissertações, e (b), ao formar professores e professoras para a nossa e outras instituições, faz dela uma *multiplicadora de formação teológica*.

Conclusão

E assim chegamos à conclusão. Olhando retrospectivamente para essas quatro etapas, leva-se a impressão de que há uma razoável dose de coerência na seqüência desses lances todos e na moldagem desse rosto. A vontade de obedecer ao Senhor da Igreja, o compromisso com a formação de obreiras e obreiros dessa Igreja, o empenho por um fazer teológico academicamente responsável e contextualizado, a abertura ecumênica, a vocação para a pesquisa e a multiplicação de formação teológica — todos esses traços, na verdade, estiveram presentes, explícita ou embrionariamente, naquele 26 de março de 1946 e foram plasmando-se ao longo dos anos. Da mesma forma, estiveram presentes, das origens até hoje: a humildade da tentativa, a ousadia e a hesitação, o acerto e o erro, a vibração e o desencanto. Sobretudo, a perplexidade constante frente à imensidão da tarefa e a consciência de que não temos como fugir dela, porque, como dizia Dohms, é “uma tarefa que nos foi imposta por Deus mesmo em suas dádivas”.

“Para sobreviver é preciso contar histórias.” Para contar histórias é preciso haver contadores e ouvintes. Agradeço aos depoentes-contadores e a vocês, ouvintes, por ajudarem a EST a sobreviver.

Muito obrigado!

Notas

- 1 Umberto ECO, *A Ilha do Dia Anterior*, Rio de Janeiro : Record, 1995, p. 205.
- 2 Agradeço, sensibilizado, as preciosíssimas contribuições dos seguintes depoentes: Godofredo G. Boll, Gottfried Brakemeier, Hermann Brandt, Wilfrid Buchweitz, Rolf Droste, Joachim Herbert Fischer, Nelson Kilpp, Augusto Ernesto Kunert, Harald Malschitzky, Hans Günther Naumann, Danilo R. Streck, Lindolfo Weingärtner.